



**O PENSAMENTO COMPLEXO E COVID-19:
UM AVISO DA IMPREVISIBILIDADE**

O presente ensaio busca reunir reflexões iniciais do autor, em diálogo com o seu campo de pesquisa na Linguística, sobre o estado de pandemia provocado pelo novo Corona Vírus (Covid-19) e sua relação com o pensamento complexo introduzido pelo teórico francês Edgar Morin. Com isso, o texto discorre sobre a importância de abandonarmos a visão simplista dos fatos a fim de abrirmos espaço para a abordagem sistêmica dos fenômenos. Tal afirmação é ancorada pela complexidade da relação existente entre o problema de saúde pública internacional e as reações dos líderes mundiais e da população civil. Por fim, reafirmamos o que Morin apregoa quando indica que ações estratégicas são as mais aplicáveis em momentos de crise frente ao novo

Palavras-chave

Pensamento complexo; Covid-19; Pandemia; Estratégia

Mateus Esteves de Oliveira

mateus2012_ita@hotmail.com • <https://orcid.org/0000-0001-7077-0957>



A introdução ao pensamento complexo apresentada pelo filósofo, antropólogo e sociólogo Edgar Morin nas últimas décadas do século passado trata da necessidade de repensarmos nossa visão compartimentalizada dos elementos que compõem a realidade. Segundo o autor, os seres humanos têm a tendência de analisar os elementos da natureza de modo isolado, ou seja, sem realizar as devidas conexões entre os vários outros elementos presentes em um dado sistema. No entanto, o estudioso apresenta uma nova forma de observar os fenômenos segundo a qual ele denomina de “pensamento complexo”.

A partir de uma abordagem filosófica, o autor esteia seu ponto de vista utilizando relações já conhecidas de algumas áreas do conhecimento consolidadas, como a Física. Com isso, explora a temática da complexidade e suas implicações nos estudos sociológico, antropológico e filosófico. Seu raciocínio baseia-se na ideia de que determinados efeitos não são, necessariamente, resultantes de causas estabelecidas previamente. Como ilustração disso, podemos citar o atual momento de pandemia em virtude do surgimento do novo *corona vírus (Covid-19)*, no fim do ano passado, na China e que se espalhou por todo o planeta em poucos meses. Por mais que os cientistas da área estudem alguma forma de combatê-lo, sempre haverá interrogações, ainda mais por vivermos em uma sociedade interligada, que tem dificuldades de lidar com questões complexas, como o isolamento social e a prevenção de problemas.

Dito isso, entre os trechos que expõem com mais clareza a concepção de Morin sobre o pensamento complexo, chama-nos especialmente a atenção o fato de o autor relacionar a consciência da complexidade com a nossa incerteza frente aos fenômenos físico e social e afirmar que a busca pelo conhecimento absoluto é uma tarefa inexequível, em suas palavras: “A totalidade é a não verdade” (MORIN, 2007, p. 69). Para o teórico, há uma relação direta entre a compreensão da complexidade e a dúvida epistemológica, afirmando com isso que estamos imersos na incerteza.

O estudioso ainda acrescenta a noção de que o pensamento complexo possui uma espécie de função para nos preparar diante do inesperado. Para isso, utiliza o seu oposto, o pensamento simples, a fim de registrar que este tipo de raciocínio pode ser suficiente para resolver problemas sem maiores desafios. Contudo, contribui para a filosofia contemporânea ao acrescentar que aquele vem para nos lembrar de que a

realidade é dinâmica e que o novo é inevitável. Em paralelo, acredita que quanto menos o pensamento for divisor, menos ele dividirá a humanidade.

Consideramos a obra e essa problemática de Morin, em particular, interessante nesse momento de isolamento social, ou físico, como alguns preferem dizer. É pouco frequente em uma sociedade como a nossa, que é tão conhecida pelas festas, aglomerações e pelo calor humano, ver a população obrigada a se recolher em virtude de um inimigo invisível. Ao tomarmos conhecimento de algumas proposições teóricas do filósofo, parece-nos que essa medida preventiva vem provocando reações no modo pelo qual organizamos nossa própria visão de mundo.

Ao ouvirmos os noticiários diariamente, criamos uma imagem multifacetada da pandemia, mas que tem como pano de fundo comum as cenas de caos, como, por exemplo, a superlotação de hospitais e o isolamento de comunidades inteiras. Não queremos com isso criticar ou apontar imparcialidades nas coberturas nacional e internacional sobre os prejuízos físico, social e humano que o *Covid-19* está espalhando junto com sua disseminação pelo planeta. Contudo, queremos problematizar a crescente incerteza que a sociedade está vivendo ao se confrontar com suas reflexões sobre Complexidade, nosso objeto de pesquisa.

Como podemos afirmar, diante de um cenário caótico, qual rumo a pandemia tomará nos próximos meses, semanas ou dias? A vida normal, como coloca Morin, exige que nos comportemos como máquinas programadas. A rotina é nosso ponto de partida para realizarmos algum trabalho e nos sentirmos confortáveis quando não há grandes surpresas, é um estado de acomodação, ou ponto de equilíbrio. No entanto, no momento em que nos certificamos de que a estrutura montada até então para nossa vida não foi capaz de nos satisfazer em algum objetivo, vemos que nem sempre esse automatismo é o suficiente para nossa realização.

Nesse ínterim, surgem momentos de crise, nos quais somos levados a agir segundo nossos valores mais sensíveis. Não é sem propósito que Morin os denomina também de momentos de decisão, porque promovem o rearranjo de nossas ações para restabelecermos o estado de equilíbrio, mesmo que frágil e momentâneo. Assim, deixamos de ser “triviais” e nos imergimos na imprevisibilidade.

A crise é, portanto, um momento inédito e por essa razão não pode ser expressa antecipadamente. Com o surgimento de um novo vírus, reafirma-se o que o teórico pondera sobre o fato de que qualquer tipo de crise é o aumento de dúvidas, sobre nós

mesmos, sobre nossas atitudes e respostas. Acrescentamos que esse ponto de vista se aplica ao contexto micro, observando as relações com nossa família na convivência intensificada, com a vizinhança e com a comunidade. Além disso, tal situação nos faz pensar sobre a relação do ser humano com o mundo e vice-versa, a relação dos nossos profissionais de saúde com o sistema de saúde, entre outras. Estaríamos diante de uma mudança de direção que aponta para a união de forças para enfrentar o problema? Ou ao contrário, para a retração e fechamento de fronteiras, ampliando, erroneamente, as instruções de isolamento social para o unilateralismo?

Morin nos ensina que, para sairmos da crise, é preciso montar estratégias, abandonar práticas antigas, desconstruir paradigmas e abandonar manuais. Todavia, assusta-nos ver sucessivos casos de desprezo pelo senso de comunidade internacional em detrimento de ações assimétricas entre os grandes governos do planeta — cada qual se esforçando para manter o seu próprio povo longe do *Covid-19* —, mas sem se atentarem para táticas conjuntas em prol do vencimento desse caos. Seria esse comportamento um dos reflexos da nossa inclinação a analisar os desafios por fragmentos e negligenciar a globalidade dos efeitos?

Conforme difundido pelo filósofo, é considerável o número de seres humanos que tem a vida afetada pelas consequências dos pensamentos fragmentado e unidimensional. A crise global do momento apenas evidencia as crescentes estatísticas de mortes por todos os continentes e que, a nosso ver, poderiam ser minimizadas se assistíssemos a investidas das grandes nações mais ricas e desenvolvidas com foco na globalidade e na gravidade da crise. Esta não está restrita a fronteiras, etnias ou culturas.

Embora saibamos das suas particularidades mais comuns aos grupos de risco, a infecção pelo novo corona vírus não se limita a idosos ou aos países de clima temperado. Por causa disso, a consciência do problema precisa ser humana para configurar atitudes que considerem a complexidade da turbulência. Em uma linguagem metafórica, Morin nos ensina que em ocasiões de normalidade, que são previstas nos manuais de pilotagem e ensaiadas nos cursos de formação de pilotos, o modo automático de voo é absolutamente indicado, no entanto a prática estrategista se faz necessária quando há uma novidade no trajeto; caso contrário, o sistema corre o risco de queda; ocasionando, portanto, sua destruição.

Apesar da aparente obviedade da metáfora, reiteramos que a postura simplista dos detentores do poder amplia as consequências desse problema de saúde pública

universal, pois ilustra o despreparo e a tentativa de criar, por meio de políticas unilaterais, uma falsa sensação de segurança e controle às suas respectivas populações. Por fim, reverberamos a instrução do estudioso, quando orienta para não nos desesperarmos diante das ocorrências, até mesmo bárbaras do nosso cotidiano; mas, sim, que nos debrucemos para compreendê-las e tentar apresentar respostas, mesmo que momentâneas, ao nosso constante estado de incerteza.

REFERÊNCIAS

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ABSTRACT

This essay seeks to gather initial reflections by the author, in dialogue with his field of research in Linguistics, about the pandemic state caused by the new Corona Virus (Covid-19) and its relationship with the complex thinking introduced by the French theorist Edgar Morin. In this regard, the text presents a discussion on the importance of abandoning the simplistic view of the facts in order to make room for the systemic approach of the phenomena. This statement is anchored by the complexity of the relationship between the international public health issue and the reactions of world leaders and the civilian population. Finally, we reaffirm what Morin claims when he indicates that strategic actions are the most applicable in times of crisis in the face of novelties.

KEYWORDS

Complexity thinking; Covid-19; Pandemic; Strategy

COMPLEX THINKING AND COVID-19: A WARNING OF IMPREVISIBILITY

Mateus Esteves de Oliveira

Doutorando em Estudo da Linguagem • Centro Federal de Educação Tecnológica
de Minas Gerais

Recebido em 02/05/2020

Aceito em 13/06/2020